

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOTA SOBRE OS RESTOS DO CIRCO ROMANO DE MIRÓBRIGA DOS CÉLTICOS, SANTIAGO DO CACÉM.

ALMEIDA, Fernando de

Ano: 1963 | Número: 73

Como citar este documento:

ALMEIDA, Fernando de, Nota sobre os restos do circo romano de Miróbriga dos célticos, Santiago do Cacém. *Revista de Guimarães*, 73 (1-2) Jan.-Jun. 1963, p. 147-154.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Nota sobre os restos do circo romano de Miróbriga dos Céticos

(Santiago do Cacém)

Por D. FERNANDO DE ALMEIDA.

O circo romano de que primeiro houve notícia concreta em território português foi o de Balsa, cidade desaparecida, situada outrora à beira-mar, perto da actual vila de Luz (Tavira).

O facto é certificado por duas inscrições encontradas na suposta área da velha cidade: nelas consta a palavra «circum». Podemos ainda acrescentar, terem sido achadas, no mesmo local, mais duas lápides onde se lêem referências, muito prováveis, ao mesmo monumento.

As duas primeiras pedras, em exposição no Museu do Carmo, em Lisboa, (Sala de antiguidades romanas) foram lidas por E. Hübner ⁽¹⁾ sobre calcos de Estácio da Veiga. Salvo o devido respeito, a leitura no original (o monumento está em bom estado de conservação) é como segue:

*G(aius) Licinius Badius | podium circi p(edes) c(entum) | sua
impensa d(onum) d(edit).*

(C. I. L. II, Suplem., 5165)

Está gravada em pedra calcária, com 64 cm. de comprimento, por 39,7 cm. de altura e 12 cm. de espessura. Letra do séc. II, de altura variável, entre 6,5 e 7 cm.

(1) E. HÜBNER, «Monumentos de Balsa», *Rev. Arch. e Histórica*, Lisboa, 1887, pág. 34 e 35.

Na outra inscrição lê-se:

*L(ucius) Cassius Celer | podium circi | pedes c(entum) | sua
impensa | d(onum) d(edit).*

(C. I. L. II Suplem., 5166)

Em pedra do tipo da anterior. As quatro primeiras linhas estão como que gravadas sobre uma almofada; a última aparece em um plano mais baixo. Mede 39,7 cm. de comprimento, por 3,5 cm. de altura e 16 cm. de espessura. A altura das letras é variável entre 3 e 4 cm. e são, possivelmente, do mesmo século que as da lápide anterior.

Estas inscrições, assim como a seguinte, foram encontradas na Quinta das Antas (1), nome sugestivo de povoadores mais antigos, situada junto à Quinta da Torre de Ares; as duas propriedades são contíguas e estão entre a vila de Luz e o mar.

Nos terrenos destas duas quintas têm aparecido materiais romanos variadíssimos (moedas, cerâmica, construções, etc.) em tal quantidade que Estácio da Veiga localizou ali a antiga Balsa (2); e o circo, confirmado pelas inscrições dos dois beneméritos que nele mandaram fazer, cada um à sua custa, cerca de 30 metros do «podium», é mais um argumento a favor dessa tese.

A terceira inscrição (C. I. L., II, 13) é uma ara consagrada à deusa Fortuna e foi encontrada pelo autor de «Antiguidades Monumentais do Algarve» no «plinto do púlpito da igreja de N.ª S.ª da Luz». Segundo Hübner as letras são também do século segundo (ou talvez do princípio do terceiro) e medem 3 cm. de altura; é muito curiosa por se referir a um combate de barcas, certamente realizado no rio de Tavira e a um outro, este de atletas, naturalmente aproveitando para ele as boas condições que o circo lhe proporcionava.

Finalmente, a quarta inscrição (C. I. L., II, Supl., 5167) guardada na nave central da igreja do Museu do Carmo (existe uma cópia no Museu de Belém), está gravada no mármore de um fragmento de arquitrave; mede 56 cm.

(1) Por informação incorrecta lê-se em Hübner (*op. cit.*), estar a dita Quinta na margem do Guadiana, o que é impossível.

(2) ESTÁCIO DA VEIGA, *Povos Balsenses*, Lisboa, 1866.

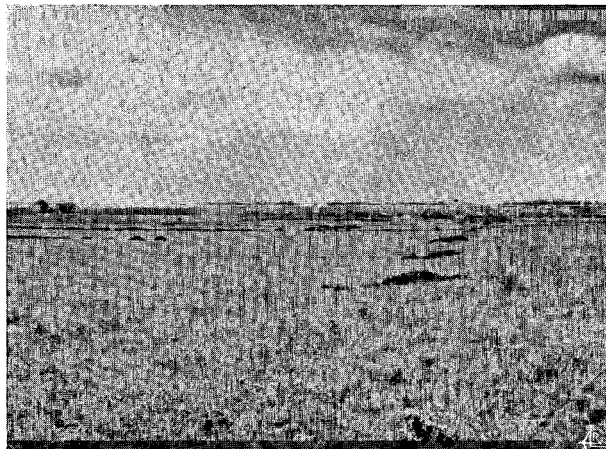


Fig. 1 — *O campo do circo de Miróbriga, lado Sul, durante os trabalhos de sondagem em 1959.*



Fig. 2 — *Um dos topos do corpo da «spina» do circo de Miróbriga, com a reentrância característica, frente à plataforma da meta.*

de comprimento, à face, por 28 cm. de altura e 36 cm de espessura. A altura das letras é de 10 cm.; são do séc. II. Refere-se a lápide a peças arquitectónicas do revestimento exterior do circo, os «antepagmenta». A sua leitura, será:

.....cum ante(pagmentis...) et statuis...

O estudo desta inscrição também foi feito por Hübner sobre um calco de Estácio da Veiga.

Ficou assim bem demonstrada a existência, em Balsa, de um circo romano pelo menos a partir do séc. II.

Outro circo foi assinalado no país, mas desta vez não por inscrições, pois não há uma que se lhe refira concretamente, mas pelos restos quase completos das fundações do monumento: o de Miróbriga, chamada dos Célticos (1), perto de Santiago do Cacém. O seu achamento mostra quanto vale o trabalho metódico e consciencioso em pesquisas arqueológicas; deve-se a revelação ao Dr. João Cruz e Silva, ao tempo Conservador do Registo naquela vila. Pesquisou desde 1922 até 1948 boa parte da área outrora ocupada pelo «oppidum» e publicou um traçado conjectural do circo (2). Os buracos das sondagens por ele mandadas fazer foram tapados e o terreno continuou a dar trigo. Quando, em 1959, fomos encarregados pela D. G. dos E. e Monumentos Nacionais de continuar as escavações iniciadas anos antes por Afonso do Paço e Maria de Lourdes Costa Artur estabelecemos, naturalmente, um plano de sondagens: só durante os trabalhos de 1960 nos chegou a ocasião de procurarmos o circo.

Feitas trincheiras perpendicularmente ao eixo maior do terreno (Fig. 1) e uma série de sondagens complementares, fácil nos foi localizar o monumento. Não chegámos a concluir o trabalho por ser necessário tapar tudo de modo a não impedir a cultura do trigo. Ainda conseguimos a ida urgente de um topógrafo para levantar a planta do que havia sido encontrado (Fig. 3). Como

(1) PLÍNIO, *N. H.* IV, 118. ESTRABÃO, *Geogr.*, III, 1,6.

(2) CRUZ E SILVA, «Apontamentos...» *Arquivo de Beja*, III, Beja, 1946, pág. 341, fig. 6.

se pode verificar o traçado, orientado na direcção N-S, repete a planta clássica deste género de monumentos. Duas linhas paralelas são reunidas diferentemente nos topos: por uma circular, de um lado, em arco abatido no topo oposto. O pormenor marcado na linha circular, na forma de T, talvez corresponda à ombreira da «porta triumphalis»; encontrámos os «carceres» para os carros atrelados e verificámos neles pormenores que necessitam ser esclarecidos.

O comprimento do circo é exactamente de dois estádios (356 metros); a largura, que costuma ser de cerca de um quarto do comprimento, mede aqui 76 metros.

A «spina», tal como em Miróbriga, divide sempre parte do circo longitudinalmente, mas de modo a ficar mais distante do topo dos «cárceres» que do lado oposto. Não é paralela aos lados do circo: inclina-se obliquamente de maneira a que a sua extremidade, a «meta prima», isto é, a ponta do lado da «porta triumphalis», esteja mais próxima, como aqui, do muro Poente do circo que do Nascente. Naturalmente sucede o contrário na «meta secunda», a do lado dos «carceres». A razão desta assimetria foi determinada para facilitar a por vezes trágica manobra dos carros, ainda muito provavelmente juntos a meio da primeira corrida, quando rondavam esta meta pela primeira vez: o início da prova fazia-se pelo lado direito, a seguir aos «carceres», onde havia uma linha branca riscada no chão (a «linea alba»).

No centro da «spina» dos grandes circos, pois o comprimento variava, uns maiores, outros mais pequenos, havia um obelisco trazido do Egipto; no Circo Máximo, de Roma, por exemplo, fora ali colocado o obelisco de Ramsés II. Em Miróbriga não nos deram tempo para procurarmos o que ainda, possivelmente, existirá, nesse ponto; do monólito, se o houve, não encontrámos nem traços.

As pontas da «spina» estão destacadas do corpo da mesma «spina» à maneira usual, de forma a deixarem um intervalo entre estas duas partes.

O corpo da «spina» mostra também a costumada reentrância em frente das portas (Fig. 2); seria ela uma reminiscência, parece, do culto a Consus, essa divindade com um santuário subterrâneo no centro dos circos e

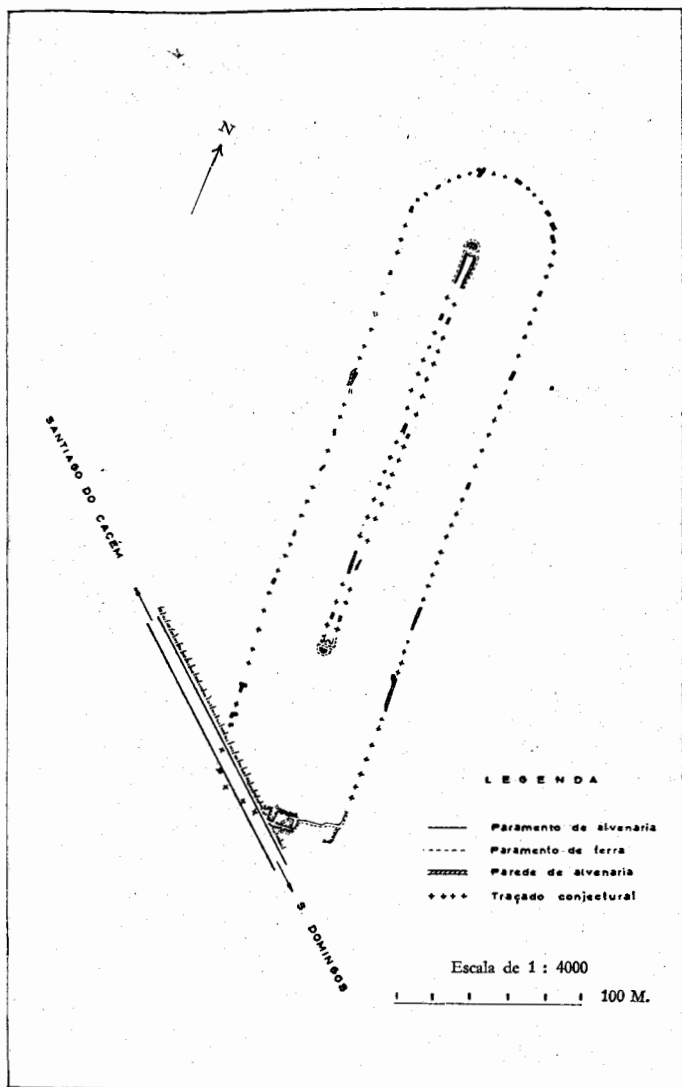


Fig. 3—Planta do circo de Miróbriga, segundo os resultados das sondagens feitas em 1959. Notar os «cárcees» no topo Sul.

tão antiga como Roma. Foi no dia da sua primeira festa, na Urbe, que se deu o rapto das Sabinas...

As pontas da «spina» exibem a planta completa dos alicerces das metas, no seu desenho em meio círculo. Era sobre elas que deviam ter estado três cones, cada um terminado por uma esfera.

Na extremidade Sul o circo foi cortado pela estrada construída, há poucos anos, em direcção a S. Domingos. Procurámos a um e outro lado do aterro a parte do circo por encontrar, mas não a topámos.

É certo não termos feito mais do que sondagens; apesar disso ficámos convencidos de ter sido transformada em brita, para a estrada, a pedra do circo ainda por aqui existente nesta data bastante próxima.

Os restos do monumento mostram-nos assim, como anotamos, alicerces de um circo onde se vêem ainda os elementos essenciais. O facto da construção existente ser de alvenaria está dentro dos hábitos, pois sendo os circos edificios enormes, só nas grandes cidades eram usados aparelhos mais caros. Recordamos a história do Circo Máximo de Roma onde, a princípio, nem paredes havia para defender o público de qualquer sortida intempestiva de um carro. O terreno era de natureza plano, portanto bom para a prova; o chão tinha erva e isso tornava-o macio; o público espalhava-se pelas encostas das duas colinas paralelas (Aventino e Palatino) alongadas a um e outro lado do pequeno vale. Foi depois construída uma palissada em madeira, a envolver o campo de corridas; a palissada deu lugar ao «podium», em pedra, no tempo dos Tarquínios. O circo foi ampliado por Júlio César, mas as bancadas mais altas continuavam de madeira. Augusto acrescentou-lhe vários melhoramentos; ficou célebre a presença de espírito do Imperador quando, em pessoa, foi aquietar os ânimos de um grande grupo de espectadores prestes a estabelecerem o pânico: julgavam, em grande gritaria, estar a quebrar-se a parte do circo onde se encontravam, e que era de madeira.

O facto de ainda nessa época, serem de madeira as bancadas mais altas do circo, deu lugar a terem-se incendiado no tempo de Nero; e o grande monumento, a arder, pegou trágicamente fogo à cidade. Na reforma

de urbanização, que se seguiu, o circo foi reconstruído inteiramente, ou quase, com paredes e bancadas de pedra.

A planta do circo de Miróbriga dos Célticos e o que dele resta, estão de acordo com a categoria da cidade.

Era um monumento de construção singela, pois encontrámos um único muro em toda a volta, sem bancadas atrás; sòmente os «carceres» acrescentam a sua pequena área. Por outro lado, nem inscrições, esculturas ou outros achados arqueológicos a permitirem supor haver sido dotado com elementos decorativos valiosos.

Foi Miróbriga uma cidade modesta; havendo tão poucas notícias de circos na Lusitânia, por que motivo se teria aquele «oppidum» dado ao luxo de possuir um desses monumentos? Em primeiro lugar, ao contrário do que poderia supor-se, os circos eram bastante frequentes e podemos pensar na existência de outros na Lusitânia portuguesa além dos dois aqui referidos e verificados por documentos; em segundo lugar, sabemos serem recrutados os cavalos para as corridas de carros, não só em Itália, mas na Sicília, na Grécia, em África e na Hispânia, (1) passando por serem os desta última província os mais rápidos.

Se, a propósito, recordarmos a informação de Plínio (2) para explicar a rapidez dos cavalos olisiponenses, dar-lhes como pai o Vento Favónio (Zéfiro), compreenderemos ainda melhor o interesse pelas coude-larias nesta parte do Império. É disso prova um dos magníficos mosaicos da «villa rustica» de Torre de Palma, no Alentejo (Monforte) já em grande parte escavada pelo Prof. Manuel Heleno (3); há, nesse mosaico, metidos em 5 quadros outros tantos cavalos, com o nome respectivo e decorados. O do centro, exige maiores honrarias por ser, certamente, o principal; foi talvez um «equus funalis» célebre no seu tempo, por levar à vitória

(1) DAREMBERG & SAGLIO, *Dictionnaire des Antiq.*, Paris, 1881, pág. 1197, 2.^a col.

(2) PLÍNIO, *N. H.*, IV, 116.

(3) MANUEL HELENO, Conferência sobre a «villa rustica», de Torre de Palma, na Acad. Port. da Hist., Lisboa, 1959.

a quadriga onde tomava lugar na ponta esquerda. Era, precisamente, o cavalo que devia roçar as metas nas curvas: ocupava, portanto, o lugar de maior responsabilidade.

E assim, Miróbriga, grande centro agrícola, além de exportar trigo, vinho, azeite, pelos portos próximos, também exportaria cavalos para corridas depois de os fazer passar pelo seu circo, construído, talvez no séc. II ou no seguinte.

Possivelmente, a grande festa *Quinquatrus* a que se refere a conhecida «lápide do médico» (1), encastoadá na parede do antigo hospital de Santiago do Cacém, também teria tido lugar no circo.

As ruínas deste monumento, único no país, estão em risco de se perderem completamente. Quando se procura valorizar tudo quanto possa contribuir para o nosso enriquecimento artístico e arqueológico, torna-se urgente a compra do terreno onde está o circo de Miróbriga, ou sejam 4 hectares de terra de sementeira.

E ou essa aquisição se faz com brevidade, ou já não valerá a pena tentar recuperar esta relíquia de há dezassete séculos, possivelmente sem par entre nós, porque a sua ruína aumenta inexoravelmente dia a dia e em breve se perderá para sempre.

(1) D. FERNANDO DE ALMEIDA, *Ruínas de Miróbriga dos Céltricos*, I volume, ed. da Junta do Distrito de Setúbal, no prelo.